



José Arthur Assunção*

ECONOMIA - BRASIL

Política econômica apertada

A defesa da moeda continua ainda em primeiro lugar

O momento da economia real é muito difícil. O País está à beira da recessão, consequência dos juros altos praticados pelo Banco Central. Mas não vou ser pessimista.

O corte de 1,5 ponto porcentual na taxa básica de juros, promovido ontem pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), serviu para dar ênfase a dois pontos importantes.

Primeiro: a política econômica continua conservadora, apertada, ainda mais com o quadro atual que nem de inflação é, e sim de deflação. Mas a defesa da moeda vem ainda em primeiro lugar. E nunca é demais lembrar que a inflação é o imposto mais cruel pago pelos cidadãos mais pobres.

Outro fator a se considerar é a mensagem do Banco Central de que a queda dos juros será continua daqui por diante. Isso nos leva a crer que a taxa estará possivelmente abaixo dos 20% ao ano até o final de 2003 e quem sabe até inferior

à 15% no final do próximo ano.

Vale ressaltar que, se não fosse todo o esforço do novo governo brasileiro, que tornou atitudes extremamente impopulares desde o início do ano, não estariamos prontos agora para dar a volta por cima. A credibilidade externa voltou — todos os indicadores econômicos estão em níveis ótimos se compararmos com 2002. Ou seja, o País está pronto para a retomada do desenvolvimento.

Não é possível um corte muito drástico de juros. Não surtiria um efeito tão bom assim como se imagina. O importante é que as taxas caiam aos poucos, porém de forma consistente.

É certo que o espetáculo do crescimento não virá tão depressa quanto esperava o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No entanto, o cresci-

mento, desta vez, virá de forma sustentada, ao contrário do que ocorreu em outros períodos de nossa economia, em que vivíamos em uma montanha-russa.

O importante não é apenas crescer, mas crescer sempre e a taxas que realmente promovam a inclusão dos trabalhadores no mercado

de trabalho e também dos jovens em busca de seu primeiro emprego.

Quanto aos juros finais cobrados ao consumidor, a queda já está em curso. As

taxas no crédito direto ao consumidor (CDC) e no empréstimo pessoal já estão caindo. O que dita esses mercados são as projeções futuras de juros, que já vêm em declínio há um bom tempo.

* Vice-presidente da Federação Nacional das Empresas de Crédito, Financiamento e Investimento.